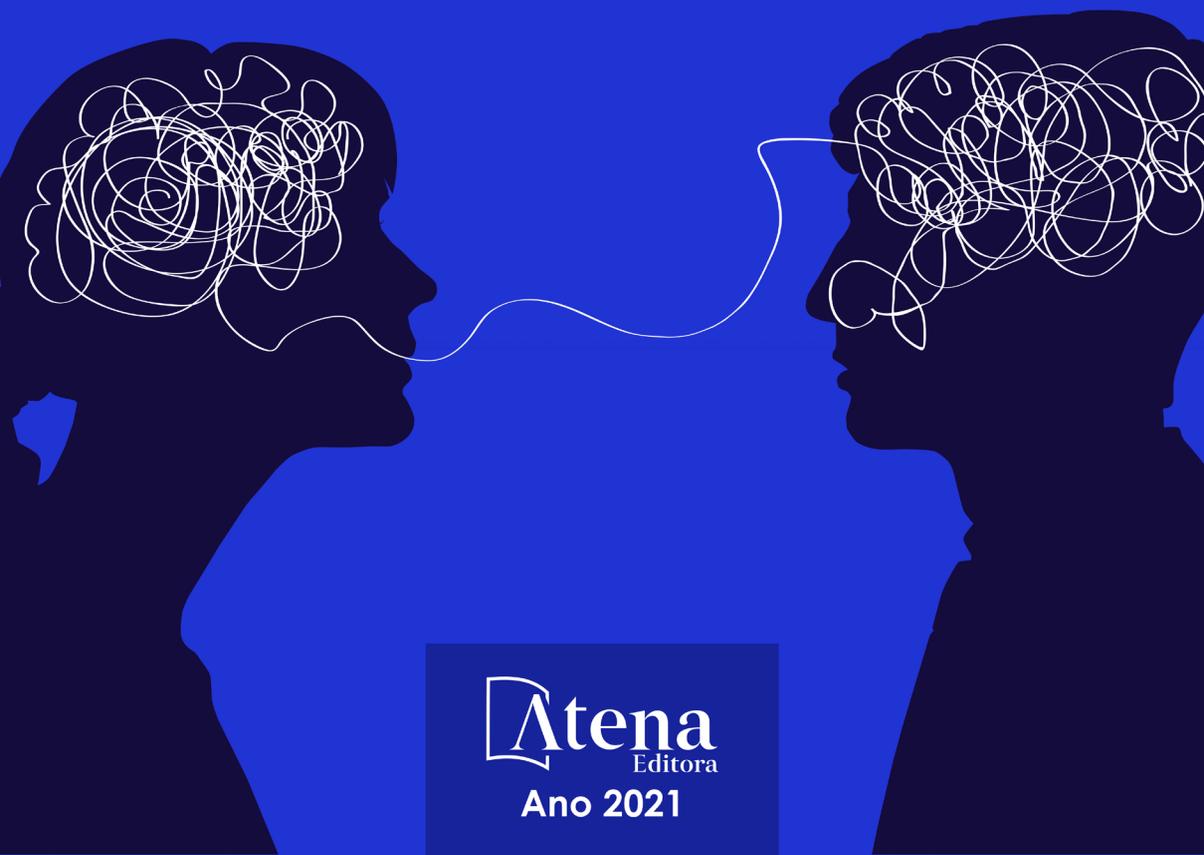


# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza  
(Organizadoras)

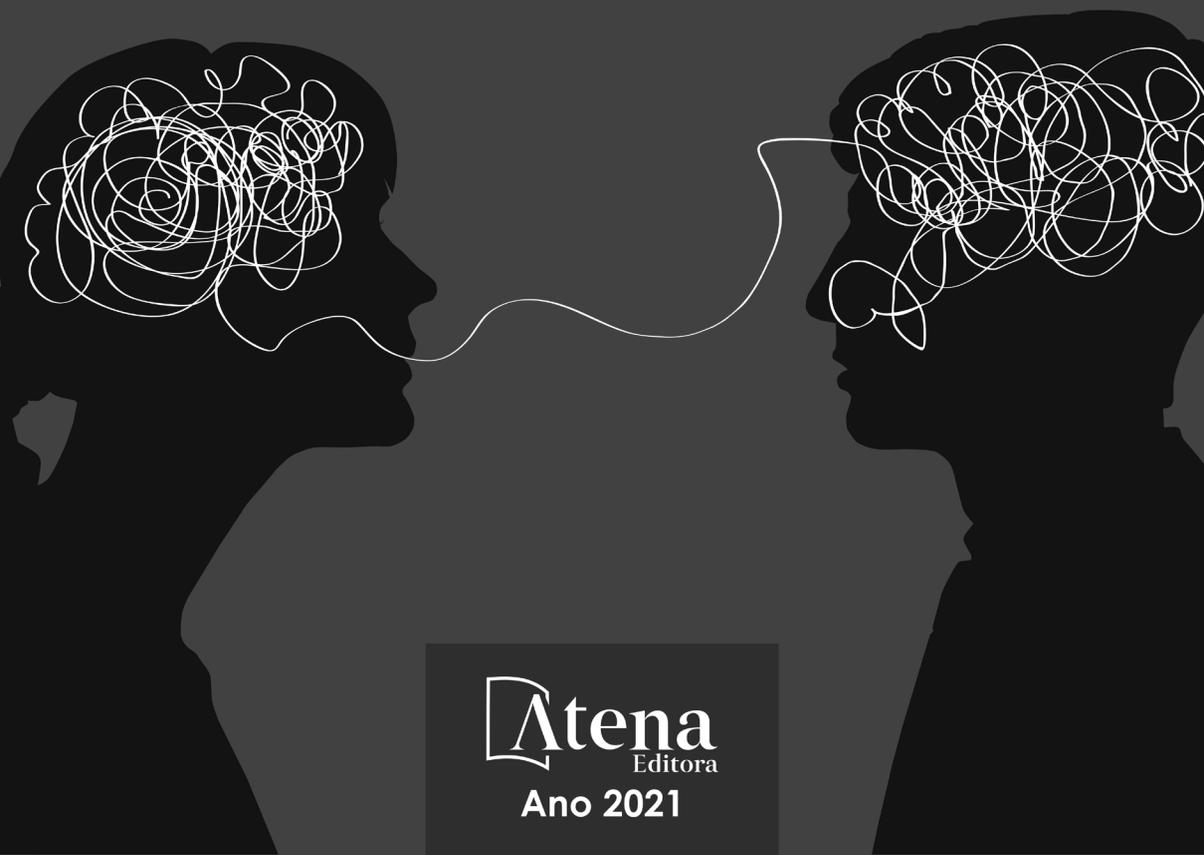


**Atena**  
Editora

Ano 2021

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof<sup>ª</sup> Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3

**Editora Chefe:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: culturas e identidades 3 / Organizadoras Fernanda Tonelli, Lilian de Souza. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-946-2

DOI 10.22533/at.ed.462213003

1. Linguística. 2. Arte. 3. Literatura. 4. Educação. I. Tonelli, Fernanda (Organizadora). II. Souza, Lilian de (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Esta obra concentra discussões sobre práticas e saberes pertencentes às áreas de Arte, de Literatura e de Educação. É composta de vinte e seis capítulos, com discussões (sendo muitas delas interdisciplinares) que perpassam diferentes linguagens do campo artístico, tais como literatura, cinema, música, pintura, performance, quadrinhos, entre outras. A diversidade também está inscrita nas temáticas abordadas por suas autoras e seus autores, que alinham com maestria questões relacionadas à educação, à sociedade e ao sujeito, ao mesmo tempo em que olham para elementos constitutivos da própria linguagem artística.

As discussões suscitadas nesta obra contemplam aspectos de ordem individual e coletiva e nos convidam a refletir sobre o papel da arte e da literatura como proposição, representação e resistência. Diante do quadro de pandemia que nos assola, nos enche de alento ver que arte e literatura continuam a denunciar problemas sociais, como nas discussões aqui apresentadas sobre política, a tríade racismo, machismo e patriarcado e a (des)construção das identidades, o papel dos (anti)monumentos, os embates entre tradição e modernidade e a crítica cultural.

Outrossim, os capítulos que seguem nos mostram ações possíveis ao tratar de ativismo, da presença de cotistas negros na formação docente, do combate à ansiedade na performance musical e da criação de Instaurações Cênicas para o desenvolvimento da saúde mental no período de pandemia. São temáticas tratadas tanto no âmbito educacional quanto vivenciadas no entorno social e que urgem por serem invisibilizadas em uma sociedade cujo silêncio conveniente está disseminado.

Por isso, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos.

Assim, este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em construir coletivamente esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Fernanda Tonelli  
Lilian de Souza

## SUMÁRIO

### DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

JAZZ, UM ESTRANHO NO NINHO DO SAMBA? (BRASIL, ANOS 1910-1960)

Adalberto Paranhos

**DOI 10.22533/at.ed.4622130031**

#### **CAPÍTULO 2..... 17**

MUSICOLOGIA, RACIALIZAÇÃO E RENATO ALMEIDA

Jonatha Maximiniano do Carmo

**DOI 10.22533/at.ed.4622130032**

#### **CAPÍTULO 3..... 25**

O MELODRAMA E A METAFICÇÃO NA NARRATIVA FÍLMICA *A ROSA PÚRPURA DO CAIRO* (1985), DE WOODY ALLEN

Mariana Alice de Souza Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.4622130033**

#### **CAPÍTULO 4..... 44**

DAS TRIPAS CORAÇÃO: UM GOZO SUPLEMENTAR

Elisangela Miras

**DOI 10.22533/at.ed.4622130034**

#### **CAPÍTULO 5..... 50**

ARTE E IDEOLOGIA NO CEMITÉRIO DE SANTO AMARO: O JAZIGO-CAPELA DE JOAQUIM NABUCO EM FOCO

Davi Kiermes Tavares

José Paulo Seifert Brahm

Diego Lemos Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.4622130035**

#### **CAPÍTULO 6..... 66**

AS ORIGENS DO *SMASH*: O PODER DAS ILUSTRAÇÕES QUE DÃO VIDA AO INCRÍVEL HULK

Alyssa Carolina Barbosa Marques Gedo

**DOI 10.22533/at.ed.4622130036**

#### **CAPÍTULO 7..... 78**

A FIGURAÇÃO DO GROTESCO EM FRANCISCO DE GOYA

Marianna Bernartt Silva

Jorge Antonio Berndt

Valdeci Batista de Melo Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.4622130037**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>91</b>
“MEU NOME É_” - VIDEOINSTALAÇÃO, PERFORMANCE E ESCRITA SOBRE O CORPO EM TRÂNSITO NA CIDADE DE SÃO PAULO	
Talita Caselato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4622130038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>101</b>
A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4622130039</b>	
<b>FACES DA LITERATURA</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
TEMPORALIDADE COMO PROBLEMA HISTÓRICO EM <i>A MONTANHA MÁGICA</i> , DE THOMAS MANN	
Gong Li Cheng	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>133</b>
O LUGAR DA TRADIÇÃO EM UNGULANI BA KA KHOSA	
Carina Marques Duarte	
Renata Domingos Opimi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300311</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>142</b>
AS TRÊS IRMÃS, DE MIA COUTO: ANÁLISE LITERÁRIA	
Wagner Lopes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300312</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>154</b>
ENTRE O CONTINGENTE E O TRANSCENDENTE: UM BREVE ESTUDO DAS OBRAS <i>APARIÇÃO E ALEGRIA BREVE</i> , DE VERGÍLIO FERREIRA	
Maria José Pinto de Carvalho	
Daniele dos Santos Rosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300313</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>173</b>
O GUARANI – UM OLHAR PARA O PASSADO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE	
Monique Berwanger	
Maristella Letícia Selli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300314</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>185</b>
A IRONIA E O SUICÍDIO COMO FIGURAS DE LINGUAGEM NA LITERATURA E NA POÉTICA DE ANA CRISTINA CESAR	
André Luís de Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300315</b>	

<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>201</b>
O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA NEGRA NAS PERSONAGENS PECOLA DE “O OLHO MAIS AZUL” E IFEMELU EM “AMERICANAH”	
Bianca de Carvalho Lopes Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300316</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>208</b>
A EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA OBRA “A DIVORCIADA”, DE FRANCISCA CLOTILDE	
Erika Maria Albuquerque Sousa	
Solange Santana Guimarães Morais	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300317</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>215</b>
O JOGO FICCIONAL E A CONSTRUÇÃO DA CULPA EM <i>O ALIENISTA</i> E <i>A HORA DA ESTRELA</i>	
Angeli Rose do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300318</b>	
<b>EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>229</b>
A EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA COMO FORMA DE MANTER A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA	
Wilma Lima Maciel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300319</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>240</b>
A ARTE COMO FORMA DE EXISTIR, RESISTIR E REEXISTIR	
Lucas Bezerra Furtado	
Nara Graça Salles	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300320</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>247</b>
PSICOLOGIA DA PERFORMANCE – CONTRIBUTOS PARA A SUA INTRODUÇÃO NO CURRÍCULO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO DE MÚSICA EM PORTUGAL	
Catarina de Andrade Silva	
Helena Maria da Silva Santana	
Anabela Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300321</b>	
<b>CAPÍTULO 22.....</b>	<b>261</b>
RACISMO NA MÚSICA: UMA PESQUISA SOBRE O RACISMO NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA DE COTISTAS NEGROS EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA	
Luiz Carlos Vieira Junior	
Rayssa Karoline Rodrigues Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300322</b>	

<b>CAPÍTULO 23.....</b>	<b>272</b>
IDENTIDADES SOCIAIS FEMININAS EM LETRAS DE FUNK: FRAGMENTAÇÃO E NATURALIZAÇÃO	
Francisca Cordelia Oliveira da Silva	
Milena Fernandes da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300323</b>	
<b>CAPÍTULO 24.....</b>	<b>291</b>
MATERIAIS EDUCATIVOS E O CONTEXTO PANDÊMICO	
Renan Silva do Espirito Santo	
Ursula Rosa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300324</b>	
<b>CAPÍTULO 25.....</b>	<b>296</b>
MEMÓRIAS, APAGAMENTOS E RESISTÊNCIAS: COLETIVO APARECIDOS POLÍTICOS	
Maria Giovanna Walerko Moreira	
Felipe Bernardes Caldas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300325</b>	
<b>CAPÍTULO 26.....</b>	<b>300</b>
UMA COLCHA PARA O LEITO DOS ASENTES: MONUMENTOS DE PANO COBREM AS PEDRAS DA CAPITAL AMERICANA	
Victor Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.46221300326</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>311</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO .....</b>	<b>312</b>

## A CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA

*Data de aceite: 30/03/2021*

**Wilma Lima Maciel**

Universidade Estadual de Alagoas. (UNEAL)

**RESUMO:** Este artigo propõe um estudo dos cantos das destaladeiras de fumo da cidade de Arapiraca - AL. afim de traçar uma análise dos mesmos, mas também um recorte de suas trajetórias. Sob a hipótese de que os versos apresentam influência da cultura popular. Mas também, pela necessidade de preservar a cultura fumageira de Arapiraca. E por ser um trabalho pioneiro nesta área. Objetivando etnografar a cultura das destaladeiras. Para realizar a pesquisa foi feita uma pesquisa de campo, pois, diante da pandemia a entrevista foi realizada via google meet. Baseando-se nas teorias de Benjamin, (1994, 1987) em sua abordagem sobre a história da cultura, Hall, (2003, 2007), em seus comentários sobre cultura popular e identidade, Harvey, (2008), refletindo sobre as rupturas causadas pela modernidade. Burker (2003), discutindo culturas híbridas. Bhabha, (2004), interpretando a identidade. Bauman, (2007), refletindo a vida líquido moderna. Santos, (2014), discutindo o território fumageiro, refletindo que caso não se faça um registro da história dessas mulheres, as mesmas se perderam diante do processo de modernidade líquida. E por compreender que pesquisas sobre resistência cultural precisam ser mais estudadas e valorizadas pelas instituições promotoras de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cantos de trabalho. Modernidade vazia. Cultura popular.

**ABSTRACT:** This article proposes a study of the corners of smoke detalizers in the city of Arapiraca - AL. in order to draw an analysis of them, but also an outline of their trajectories. Under the assumption that the verses are influenced by popular culture. But also, due to the need to preserve Arapiraca's tobacco culture. And for being a pioneering work in this area. Aiming to ethnograph the culture of the stalking machines. In order to carry out the research, a field research was done, because, in the face of the pandemic, the interview was conducted via google meet. Drawing on Benjamin's theories (1994, 1987) in his approach to the history of culture, Hall (2003, 2007), his comments on popular culture and identity, Harvey, (2008), reflecting on the disruptions caused for modernity. Burker (2003), discussing hybrid cultures. Bhabha, (2004), interpreting identity. Bauman, (2007), reflecting modern liquid life. Santos, (2014), discussing the tobacco territory, reflecting that if the history of these women is not recorded, they are lost in the face of the process of liquid modernity. And by understanding that research on cultural resistance needs to be further studied and valued by knowledge-promoting institutions.

**KEYWORDS:** Work corners. Empty modernity. Popular culture.

## INTRODUÇÃO

Este artigo propõe um estudo das destaladeiras<sup>1</sup> de fumo da cidade de Arapiraca - AL. afim de traçar um recorte de suas trajetórias, para compreender suas representações culturais. Abordando assim, a origem dos cantos em suas cantigas, bem como análise dos mesmos. Sob a hipótese de que os versos apresentam influência da cultura popular.

Mas também, pela necessidade de preservar a cultura fumageira de Arapiraca. E por ser um trabalho pioneiro nesta área. Estes cantos se davam tanto na roça, ao plantar, adubar, quebrar, juntar e colocar o fumo no varal, como também nos salões dos produtores de fumo que quando estavam prontos para destalagem, as mulheres iriam para estes salões destalar o fumo, e ali iniciava as cantorias, trabalho e paqueras.

A escolha por estudar o grupo das destaladeiras de fumo de Arapiraca deve-se a necessidade de trabalharmos com cantos de trabalhos para abordamos a resistência cultural destes cantos diante de uma modernidade vazia. Tal justificativa se fale pela necessidade de compreendermos a história destas mulheres.

Baseando-se nas teorias de Benjamin, (1994, 1987) em sua abordagem sobre a história da cultura, Bezerra, (2006), em seus comentários sobre identidade cultural alagoana, Bhabha, (2004), interpretando a identidade. Bauman, (2007), refletindo a vida líquido moderna. Santos, (2014), discutindo o território fumageiro. Hall, (2003, 2007), em seus comentários sobre cultura popular e identidade. Harvey, (2008), refletindo sobre as rupturas causadas pela modernidade. Burker (2003), (1997), discutindo culturas híbridas.

A pesquisa é qualitativa exploratória, pois, realizaremos um estudo de campo com a destaladeira M. R Afim de analisar seus cantos, para compreender a influência da cultura popular em suas narrativas. A pesquisa se deu via google meet devido os cuidados com a pandemia causada pelo corona vírus.

## EXPROPRIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO SIMBÓLICO FUMAGEIRO ARAPIRAQUENSE

Segundo Zezito Guedes, a partir da década de 1920, houve uma expansão da cultura do fumo em Arapiraca e com isso, necessitou de um avanço na mão de obra, para tanto, trabalhadores de várias regiões do Nordeste se deslocaram de suas cidades e foram até Arapiraca em busca de trabalhar no cultivo do fumo. Zezito afirma ainda que estas pessoas trouxeram para a cidade do fumo, costumes, folguedos, credices, seitas e cantos. E que reunidos se transformaram nas cantigas das destaladeiras de fumo de Arapiraca.

Mas com o grande desenvolvimento do fumo em Arapiraca, atraiu interesse das grandes multinacionais, o que impulsionou o processo de industrialização e os pequenos

---

<sup>1</sup> Mulheres que tiram o talo do fumo nos salões de destalagens. O grupo pesquisado é formado por quatro mulheres que realizam apresentações dos cantos criados no período de destalagem do fumo na década de 50, porém neste artigo será analisado apenas os cantos de uma integrante. Uma vez que por ser um artigo não dará tempo de fazer a análise das demais componentes do grupo, mas adiante este estudo será realizado, com maior profundidade.

produtores foram obrigados a deixarem de arrendar terra para serem trabalhadores das grandes empresas, como assalariados. De acordo com Elis Borde e Maurício Torres (2017), “o capital busca transformar o planeta em um único território de pilhagem e exploração”. Por isso, além do domínio da terra houve também a apropriação do território simbólico, sobretudo da cultura, que segundo Hall:

O capital tinha interesse na cultura das classes populares porque a constituição de uma nova ordem social em torno do capital exigia um processo mais ou menos contínuo, mesmo que intermitente, de reeducação no sentido mais amplo. E a tradição popular constituía um dos principais locais de resistência às maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscada. E por isso que a cultura popular tem sido há tanto tempo associada às questões da tradição e das formas tradicionais de vida — e o motivo por que seu “tradicionalismo” tem sido tão frequentemente mal interpretado como produto de um impulso meramente conservador, retrograde e anacrônico. Luta e resistência — mas também, naturalmente, apropriação e expropriação. Na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo e a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. (HALL, 2003, p. 248).

Levando em conta que Arapiraca já foi considerada a capital do fumo na década de 1950 até meados de 1990, neste período mulheres de diferentes comunidades do semiárido trabalhavam na destalação do fumo. Ao mesmo tempo em que improvisavam cantos que representavam fatos do dia a dia e histórias de desalento e paixão dessas senhoras. Segundo Santos:

Com a presença das firmas todo o processo de beneficiamento do fumo em folha, que antes era feito em Salvador, passou a ser feito localmente. Assim, de acordo com Barbosa (1982) em seu estudo sobre a fumicultura e a mobilidade da força de trabalho em Arapiraca, foi feito este processo de beneficiamento da planta, que consiste basicamente na seleção e fermentação das folhas, lhe conferindo uma maior valorização no mercado, que atraiu grande contingente de mãos de obra do campo para o centro da cidade arapiraquense, uma vez que os produtores deixam de ser meeiros ou arrendatários para serem boias frias, diaristas ou assalariados nas firmas de exportação. (SANTOS, 2014, p. 85).

Para o historiador Guedes, o início da plantação do fumo em Arapiraca, ocorreu por volta dos últimos anos do século XIX. Mas as últimas décadas com a chegada das multinacionais, correu o processo de expropriação e apropriação do território fumageiro. Ocasionalmente assim, uma mudança na produção do fumo. E tornando os pequenos arrendatários em boias frias e assalariados da indústria.

Com a modificação da antiga maneira de destalagem de fumo e acarretando na perda de reuniões e cantos tirados nos salões de destalagens. Na verdade, houve também o êxodo rural, por parte de alguns produtores que não conseguiram se manter. Porquanto, venderam suas terras e foram tentar melhores condições em outros estados, outros se tornaram boias frias das indústrias.

## REFLEXOS DA MODERNIDADE NA CULTURA DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA

A cultura das destaladeiras de fumo de Arapiraca, bem como, diversas culturas populares estão em processo de transformação ou perda pois, diante da modernidade “Um herói épico preparado para destruir mitos religiosos, valores tradicionais e modos de vida costumeiros para construir um admirável mundo novo a partir das cinzas do antigo”. (HAVERY, 2008, p. 26).

E chegando a pós- modernidade há um processo de reorganização do processo, O que segundo Benjamin, “Uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”. Então a preocupação não é se refazer em cima das cinzas do antigo, mas sim, se reestruturar dentro destes espaços.

Para Hall, “A cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência”. (2003, p. 263). Por isso a necessidade de estenografarmos a cultura das destaladeiras de fumo de Arapiraca, uma vez que a cada dia estamos vivenciando uma perda irreparável das culturas populares. Para isso precisamos nos deter ao conceito de cultura apresentado por Geertz, que denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio dos quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. Para ele, a cultura funciona como um ingrediente para desenvolver e ampliar capacidades humanas, acrescentando ainda que o homem sem cultura é um ser inviável. Por isso, Benjamin ressalta para a grandiosidade da transmissão da cultura.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. (BENJAMIN, 1933, P. 1).

Assim como, estas questões deverão ser estudadas e analisadas continuamente, este estudo tem o intuito de realizar uma abordagem da cultura fumageira das destaladeiras de fumo partindo desse pressuposto. Assim, consoante Bhabha, “Cada vez mais, as culturas “nacionais” estão sendo produzidas a partir da perspectiva de minorias destituídas. O efeito mais significativo desse processo não é a proliferação de “histórias alternativas dos excluídos”, (p..21). Por isso:

A experiência que passa de pessoa a pessoa, é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994, p. 198).

Neste estudo buscaremos escrever a cultura das destaladeiras de fumo de Arapiraca. Diante disso, Bhabha aponta para “O trabalho fronteiriço da cultura que exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural”. (p.23).

Ainda de acordo com o autor, “mais uma vez, e o desejo de reconhecimento, “de outro lugar e de outra coisa”, que leva a experiência da história além da hipótese instrumental”. (Bhabha, 1998, p.25). Contudo, Bhabha cita Fanon que “reconhece a importância crucial, para os povos subordinados, de afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas. Mas ele está consciente demais dos perigos da fixidez e do fetichismo de identidades, [...]”. (p. 29).

Na verdade, precisamos entender as diferentes culturas, “Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. (Bhabha, p. 16).

Estamos diante de um problema social, pois, o capitalismo nos rotula, cria o que desejamos o que não faz parte do nosso Eu e sim do sistema capitalista, contudo, sem refletirmos, não pensamos que a indústria cultural nos aponta a cada dia algo novo e que nos aguça o nosso querer. “as três fontes de onde vem o nosso sofrer: a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade”. (FREUD, 1930, p. 29). Isso nos remete a compreensão da indústria cultural que rotula a nossa cultura, bem como toda a estrutura social, lançando as tendências e nos instigando ao falso entendimento de livre arbítrio. O psicanalista nos aponta que:

No auge do enamoramento, a fronteira entre Eu e objeto ameaça desaparecer. Contrariando o testemunho dos sentidos, o enamorado afirma que Eu e Tu são um, e está preparado para agir como se assim fosse. Algo que pode ser temporariamente abolido por uma função fisiológica também poderá ser transtornado por processos mórbidos. A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu; outros, em que se atribui ao mundo externo o que evidentemente surgiu no

Eu e deveria ser reconhecido por ele. Logo, também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes. (FREUD, 1930, p. 12).

Diante da prática da globalização econômica, há uma diminuição das fronteiras e por isso as multiterritorialidades se intensificam diante das culturas. Mas também, “na atualidade, torna-se importante não contrapor sociedades urbanas a sociedades rurais, centro e periferia, [...]”, “mas procurar a compreensão das maneiras como se processa a multiculturalidade ou a coexistência de múltiplas culturas no espaço urbano”. (CANCLINI, 1997). Por isso, falar da pós modernidade é algo a se pensar, uma vez que a identidade dos sujeitos segundo Hall, “[...] o sujeito pós-moderno, é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. O que faz pensar em Santos que:

A cada momento, cada lugar recebe determinados vetores e deixa de acolher muitos outros. É assim que se forma e mantém a sua individualidade. O movimento do espaço é resultante deste movimento dos lugares. Visto pela ótica do espaço como um todo, esse movimento dos lugares é discreto, heterogêneo e conjunto, “desigual e combinado”. Não é um movimento unidirecional. (SANTOS, 2006, p.87).

A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais [...]”. (HALL, 2006, p. 12 – 13). Segundo Hall “desta questão da identidade está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como “globalização” e seu impacto sobre a identidade cultural.” (p. 14). O que é necessário compreender o processo em que Burker, (2003), nos aponta que “A globalização cultural envolve hibridização.” Por mais que reajamos a ela, não conseguimos nos livrar da tendência global para a mistura e a hibridização. (Peter Burker, 2003, p. 14.).

Diante disso nos atentamos para a preocupação da perda das tradições populares. “O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais”. (Burker, 2003, p. 18). Contudo, as cantigas das destaladeiras de fumo é uma resistência ao processo de vida líquida moderna. Por isso Bauman nos instiga para entender o que vem a denominar o significado de cultura que depois de tantas definições, tais como administração do pensamento e do comportamento humano, conduta humana, atividade intencional, passou a ser apresentado cem anos depois com outro conceito moderno crucial o de gerenciar que:

Significa, segundo o Oxford English Dictionary: “forçar (pessoas, animais etc.) a se submeter ao controle de alguém”, “exercer efeito sobre”, “ter sucesso em realizar”. E mais de cem anos antes de outro sentido de “gerenciamento”, mais sintético, o de “obter sucesso ou sair-se bem”. Gerenciar, em suma, significava conseguir que as coisas fossem feitas de uma forma que as pessoas não fariam por conta própria e sem ajuda. Significava redirecionar eventos

segundo motivos e desejo próprios. Em outras palavras, “gerenciar” (controlar o fluxo de eventos) veio a significar a manipulação de probabilidades: tornar a ocorrência de certas condutas (iniciais ou reativas) de “pessoas, animais etc.” mais provável do que seria de outro modo, tornando menos provável ou, de preferência, totalmente improvável a ocorrência de outros movimentos. Em última instância, “gerenciar” significa limitar a liberdade do gerenciado. (BAUMAN, 2007, p. 72).

Sendo assim, para Hannan Arendt, um objeto é cultural dependendo da duração de sua permanência, por isso, que a cultura se encontra ameaçada, quando todos os objetos do mundo produzidos atualmente ou no passado são tratados unicamente como funções dos processos sociais vitais. Tais questões relacionadas a vida líquido moderna, diante do hibridismo cultural existem, para compreendermos a sociedade. Por isso, a necessidade de um trabalho etnográfico para registrar a cultura fumageira, uma vez que, a história dos grandes feitos já foi registrada e resta-nos pensar a cultura, neste caso a Agrestina pois, diante da Pós-modernidade, a tendência é que os povos se tornem cada vez mais híbridos como define Burke.

Os povos híbridos são cruciais em todos estes processos. Dentre eles. Temos grupos híbridos como os anglo-irlandeses. os anglo-indianos e os afro-americanos. O periódico *Diásporas* (que começou a ser publicado em 1991) e testemunha do crescente interesse pelo estudo de grupos que por razões religiosas, políticas ou econômicas se transferiram de uma cultura para outra: os gregos de Constantinopla depois de sua captura pelos turcos em 1453; judeus e muçumanos da Andaluzia depois da queda do Reino de Granada em 1492; os italianos depois de 1870 para a América do Norte. A América do Sul e a Austrália; os chineses para o sudeste da Ásia ou para a Califórnia nos séculos XIX e XX. (Burker, 2003, p. 36).

Diante de um universo, “que o sujeito político - como de fato a matéria da política - e um evento discursivo pode-se ver de forma mais clara que em qualquer outro lugar em um texto que tem tido uma influência formativa sobre o discurso socialista e democrático do Ocidente” [...], (Bhabha, p.44). Por isso, o caminho a conceitualização de uma cultura internacional, baseada não no exotismo do multiculturalismo ou na diversidade de culturas, mas na inscrição e articulação do hibridismo da cultura. (Bhabha, p. 65). E o entre lugar carrega o fardo do significado de cultura.

Segundo Bauman, (2007), um objeto é cultural na medida em que sobrevive a qualquer uso que possa ter servido a sua criação. O autor ainda nos aponta que subordinar a criatividade cultural, é o que acontece com as culturas populares que resistem e ressurgem dentre a indústria cultural dominante, pois esta modernidade nos rotula aos critérios do mercado de consumo que significa exigir das criações culturais que aceitem o pré-requisito de todos os produtos de consumo anteriormente considerados legítimos: que se legitimem em termos do valor de mercado (e, com certeza, de seu valor de mercado atual). Para Bhabha, “reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder

exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”. (p. 104).

Neste seguimento, o sujeito é visto enquanto mercadoria, e impulsionado a realizar as rupturas exigidas no processo de modernidade. Para assim desenvolver o encadeamento do capitalismo simbólico. “esse comportamento do colonizador trai uma determinação de objetificar, confinar, prender, endurecer. Expressões como “Eu as conheço”, “e assim que eles são”, mostram essa objetificação máxima atingida com sucesso, [...]” (Bhabha, p. 126). Pois, o gosto e o desejo são impostos pelas instituições promotoras de cultura da sociedade capitalista.

Por isso, Hall nos instiga a refletir sobre a necessidade em que o capital tem emergência para o processo de dominação. Portanto, necessita causar rupturas na cultura popular. Entretanto, “tais culturas de contra modernidade pós-colonial podem ser contingentes a modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas”, (Bhabha, 1998, p. 22).

Assim, Geertz (2008) discorre que o homem é dirigido por padrões culturais ou sistemas organizados de símbolos significantes. Nessa discussão, entendemos através das ideias de Geertz que a cultura é a totalidade de padrões emocionais, que ela é uma condição essencial para a existência humana, a principal base de sua especificidade.

## **AS NARRATIVAS DAS DESTALADEIRAS DE FUMO DE ARAPIRACA**

O estado de Alagoas é riquíssimo em cantos de trabalho, e os mesmos mantêm uma relação com a cultura do lugar o que não é diferente com os versos das destaladeiras de fumo de Arapiraca. Que segundo Lindoso (2005), é impossível conceber uma existência cultural isenta de uma base social. É inconcebível perceber a cultura alagoana sem sociedade alagoana. Uma vez que a organização histórica da nossa sociedade está relacionada com o nosso processo de colonização.

A necessidade de trabalhar nossas riquezas culturais está relacionada com o que Ramos, (2008), diz, os sons dos negros no Brasil iluminam uma série de fatos culturais que estão na base daquilo que se denomina música popular brasileira.

Para Geertz (2008), ao se estudar a cultura de um povo, não se pode reduzir sua particularidade, pois as formas culturais são naturalmente muito variadas, sendo necessário que o pesquisador se volte para determinados contextos e realize um trabalho minucioso. É o que faremos com a etnografia da cultura das destaladeiras.

Estes cantos se davam tanto na roça, ao plantar, adubar, quebrar, juntar e colocar o fumo no varal, como também nos salões dos grandes produtores de fumo que quando estavam prontos para destalagem, as mulheres iriam para estes salões destalar o fumo, e ali iniciava as cantorias, trabalho e paqueras.

As cantigas das destaladeiras são ricas em “render homenagens, fazer louvações

a lugares, a proprietários, algum visitante, em versos improvisados, nos salões de fumo”, (Guedes, 1978, p. 19). Na década de cinquenta estas manifestações eram valorizadas pela população local, “os temas empregados no apogeu dessas cantigas, nas décadas de 40 e 50, retratavam o meio ecológico da época: arvores, frutas, pássaros, açudes que ainda não tinham sido devastados pelo homem”[...]. (Guedes, 1978, p. 18).

Mas também: “ [...] Versos românticos impregnados de lirismo, reminiscências puras do romantismo do século passado que o sertão nordestino conservou talvez como nenhuma outra região brasileira e que são geralmente dedicados pelas destaladeiras aos rapazes solteiros \_ bem amados \_ alguns de rara beleza, verdadeiros poemas, [...], como representado a seguir:

**Olhe eu seu zé**

Olhe eu seu zé

Esta roda é carinhosa

Quem não tinha amor

Já tem

Olhe eu seu zé

Tava cozendo na porta

A linha só dando nõ

Se quiser falar comigo

Venha hoje

Que eu tô só

Olhe eu seu zé

Olhe eu seu zé

Olhe eu meu bem

Esta roda é carinhosa

Quem não tinha amor já tem

Olhe eu seu zé

A saudade é quem me traz

Na grossura de uma linha

Se não fosse saudade

Eu não era tão fininha

Olhe eu seu zé

Olhe eu seu zé

Olhe eu meu bem

Esta roda é carinhosa

Quem não tinha amor já tem

Olhe eu seu zé<sup>2</sup>

Este canto mostra como as destaladeiras representavam os sentimentos de amor, durante o trabalho diário, mas que traria momentos de relaxamento para espantar o sono e o cansaço, nos salões de fumo, bem como, durante o plantio. “não conseguimos registrar um só verso contendo reclamações ou desprezo pelo trabalho, [...]”. Contudo, “[...] não há lamentações nas cantigas da colheita de fumo, daí concluímos que existe um grande contentamento no ambiente onde elas executam a tarefa [...]”. (Guedes, 1978, p.19). Por isso, as destaladeiras espantavam o cansaço e o sono durante o trabalho. E mantinham veias poéticas, pois todas as músicas são encantadoras, não tendo um registro de autoria pois, foram produzidas pelo povo. A seguir apresento um outro canto.

#### **A cama que eu me deito**

A cama que eu me deito

É um pedaço de esteira

O lençol que eu me cubro

Uma folhinha de palmeira

A cama que eu me deito

É um pedacinho de esteira

O lençol que eu me cubro

Uma folhinha de palmeira

A luz que me alumeia

É um pedaço de vela

Toda vez que eu vou dormir

Acendo e boto na janela<sup>3</sup>

---

2 Canto recolhido por Wilma, via google meet, devido a pandemia com uma destaladeira de fumo. O nome será preservado e as iniciais mantidas.

3 Canto recolhido por Wilma, via google meet, devido a pandemia. A entrevista feita com apenas uma destaladeira de fumo. O nome será preservado.

Este canto fala da vida simples das trabalhadoras do campo que representam a cultura popular, se divertindo durante horas de trabalho. Contudo, Zezito Guedes, em seu livro *cantigas das destaladeiras de fumo de Arapiraca* diz que “Também convém ressaltar que muitas dessas cantigas de salão de fumo já foram publicadas em jornais, plagiadas e até gravadas com modificação da letra, da música e do ritmo. Mas, essas cantigas são anônimas, produtos da invenção do povo simples da roça”. Por isso a necessidade de valorizar a cultura fumageira, bem como dar voz a estas mulheres. Segundo Guedes:

[...] as mulheres trabalham melhor durante horas a fio, na destalagem e seleção das folhas para formar o rolo, em salas, salões ou armazéns utilizados para a tarefa. Essas “cantigas de salão de fumo” como são conhecidas em Arapiraca, sempre constituíram uma grande atração na época da colheita, quando uma intensa alegria tomava conta dos salões e ouvia-se a longa distância, a cantilena das “destaladeiras”, é pena que essas cantigas autênticas manifestações, tão apreciadas pelo povo, não continue com a mesma frequência do passado, vítimas que foram da própria evolução tecnológica implantada na região nos últimos anos da década de 50, quando em Arapiraca se instalaram importantes firmas internacionais que passaram a explorar o comércio de folhas de fumo, proibindo as “destaladeiras” de cantar no trabalho de seleção das folhas, alegando que, além de fazerem barulho, diminuam a produção diária dos armazéns. Hoje, elas trabalham caladas, sem conversar ou fazer qualquer ruído. (GUEDES, 1978, P. 20).

Como representado acima, esta cultura das destaladeiras sofreram uma violência simbólica, o que fez com elas trabalhassem caladas, isso na década de 50, atualmente, com esta repressão, temos apenas as memórias, não existindo mais destaladeiras de fumo atuantes, as mesmas mantêm grupos que realizam apresentações.

Porém este extermínio fez com que apenas dois grupos dessas mulheres se mantenham atuantes, as mesmas são senhorinhas, outras já faleceram, pois como foram impedidas de repassarem esta cultura e caso não se registre estas histórias, as mesmas se perderam, diante do processo de modernidade vazia, a favorecer a indústria cultural.

Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria, em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular; mas também, e paralelamente, as reações desta cultura popular. Um primeiro movimento é resultado do empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades. Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é, ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural. (SANTOS, 2001, P. 143).

Adiante, apresento mais um canto, este foi escrito recentemente, e expressa a vontade de retomar a cantar livre e feliz como um passarinho, é com esta alegria que as mesmas cantam e encantam, melhorando assim sua autoestima, esta valorização

cultural é necessária para que esta história permaneça. “A “transformação cultural” é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas”. (Hall, 2003, p. 248). Pois o processo de modernização faz com que as coisas sejam “ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares”. (Hall, 2003, p. 248). Mas que poderia através da economia criativa trazer um desenvolvimento regional, bem como um turismo sustentável.

### **Eu vou cantar passarinho**

Eu vou cantar passarinho  
Porque mandaram eu cantar  
Eu vou andar de avião  
Pra conhecer o lugar  
  
Pra conhecer o lugar  
eu vou andar de avião  
Pra conhecer os estados  
E toda população  
  
Meninas se querem  
vamos deixar  
Eu vim passar no rio  
Dos braços eu faço a canoa  
Do remo eu faço o navio  
  
Eu vou cantar passarinho  
Porque mandaram eu cantar  
Eu vou andar de avião  
pra conhecer o lugar  
No tempo que eu cantava  
minha voz a intinia  
Cantava Arapiraca  
Cantava palmeira sim ouvia  
  
Eu vou cantar passarinho  
Porque mandaram eu cantar  
Eu vou andar de avião

Este canto foi escrito para celebrar uma viagem a São Paulo, mas também a emoção de andar de avião, este passeio se deu a convite de Renata Mattar<sup>5</sup>. Para dona R. o desejo de retomar aos cantos antigos é pertinente neste momento. Uma vez que a cultura popular vem sofrendo perdas através do processo de modernidade vazia. Em que os sujeitos vivenciam a cada dia uma vida liquido moderna. Em que estes cantos acabam sendo vistos como ultrapassados.

Se a vida moderna está de fato tão permeada pelo sentido do fugidio, do efêmero, do fragmentário e do contingente, há algumas profundas conseqüências. Para começar, a modernidade não pode respeitar sequer o seu próprio passado, para não falar do de qualquer ordem social pré-moderna. A transitoriedade das coisas dificulta a preservação de todo sentido de continuidade histórica. Se há algum sentido na história, há que descobri-lo e defini-lo a partir de dentro do turbilhão da mudança, um turbilhão que afeta tanto os termos da discussão como o que está sendo discutido. A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes. (HARVEY, David, 2008, p. 22).

A indústria cultural precisa causar rupturas na cultura popular, trazendo o novo como melhor, assim o arcaico convive ao lado do moderno. E por vezes a tolice cultural impede de que se perceba as perdas. Contudo, a destaladeira, ao retomar os cantos se sente feliz como um passarinho, assim como representa na letra do canto e que no tempo que cantava a voz intinia, o mais interessante é que mesmo nunca tendo feito aula de canto, sendo analfabeta, tem uma voz espetacular e inúmeros cantos registrados na memória, a mesma canta e encanta, com sua brilhante apresentação.

Mas há também — e felizmente — a possibilidade, cada vez mais freqüente, de uma revanche da cultura popular sobre a cultura de massa, quando, por exemplo, ela se difunde mediante o uso dos instrumentos que na origem são próprios da cultura de massas. Nesse caso, a cultura popular exerce sua qualidade de discurso dos “de baixo”, pondo em relevo o cotidiano dos pobres, das minorias, dos excluídos, por meio da exaltação da vida de todos os dias. Se aqui os instrumentos da cultura de massa são reutilizados, o conteúdo não é, todavia, “global”, nem a incitação primeira é o chamado mercado global, já que sua base se encontra no território e na cultura local e herdada. (SANTOS, 2011, p. 144).

Segundo Haesbaert, (2004), aponta o território imerso em relações de dominação e ou apropriação sociedade espaço, desdobra-se ao longo de um continuum que vai de dominação política econômica mais concreta e funcional a apropriação mais subjetiva e ou cultural simbólica.

4 Canto recolhido por Wilma, via google meet, devido a pandemia. A entrevista feita com apenas uma destaladeira de fumo. O nome será preservado.

5 Cantora e compositora, pesquisa cantos de trabalhos desde 1996.

Ainda segundo o autor, a desterritorialização deve ser distinguida através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que controla estes espaços e conseqüentemente os processos sociais que os compõem. Um poder simbólico através do controle social pelo espaço, varia conforme a sociedade e a cultura. Por isso, os sujeitos se tornam cada vez mais afetados pelo processo de colonização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que pesquisas sobre resistência cultural precisam ser estudadas e valorizadas, pelas secretárias de cultura, educação, bem como instituições produtoras de conhecimento. Estes cantos representam a cultura fumageira, mas também, a resistência de um povo que diante de uma violência simbólica predominante, mas que mesmo diante deste processo estas culturas ressurgem. Por isso, a importância em estudá-las e no caso da cultura das destaladeiras à sua etnografia se faz necessária para um registro desta história.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. *Vida líquida* / Zygmund Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BEZERRA, Edson. **Configurações em torno de uma identidade ornamental**: a emergente identidade cultural alagoana. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. 2006.

BORDE, Elis; TORRES, Mauricio. **El territorio como categoría fundamental para el campo de la salud pública**. Saúde debate | Rio de Janeiro, v. 41, n. Especial, p. 264-275, jun. 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Novas conferências introdutórias a psicanálise e outros textos. Obras completas, volume 18. 1930.

GUEDES. Zezito. *Cantigas das destaladeiras de fumo de Arapiraca*. 1978.

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Edições Loyola. 17ª edição. São Paulo. 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios á multiterritorialidade**. Porto Alegre, setembro de 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_, **A desconstrução do popular**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, David. *Condição Pós Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7ª edição, Loyola, São Paulo. 2008.

Ensaio obtido em Walter Benjamin – *Obras escolhidas*. Vol. 1. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

SANTOS, Ana Paula Teodoro dos. **A reestruturação do território da região fumageira de Alagoas**. Dissertação de (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização** consciência universal, 6ª edição. Record, Rio de Janeiro. 2001.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alegria breve 154, 155, 156, 157, 159, 160, 164, 165, 167, 169, 170, 171, 172

Alheamento à tradição 133

Ana Cristina Cesar 185, 186, 188, 191, 198, 199

A rosa púrpura do Cairo 25, 27, 34, 35, 39, 40, 41, 42

Ativismo 296, 300, 310

### C

Cinema 3, 5, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 98, 99, 129, 130, 200

Contaçon de histórias 215, 216

Cotas raciais 261, 263, 264

### D

Distanciamento social 291, 292

### E

Educaçon musical 261, 262, 264, 265, 270

Emancipaçon 5, 39, 131, 208, 211, 212, 213, 214, 303

Etnomusicologia 261, 262, 270

Existencialismo 154, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 172

### F

Formaçon inicial de professores 261, 265

### G

Goya 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90

### H

História da música brasileira 17, 24

Histórias em quadrinhos 34, 66, 68, 69, 72

HIV/AIDS 300, 304

### I

Identidade nacional 1, 4, 18, 174

Instauraçon cênica 240, 242, 244, 246

Interseccionalidade 201, 203, 205, 206

## **J**

Joaquim Nabuco 50, 51, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64

Jogo ficcional 215, 216, 217, 221, 225

José de Alencar 173, 174, 176, 178, 179, 182, 183

Judith Butler 173

## **L**

LGBT 300, 301, 302, 309

Literatura africana 143

Literatura portuguesa 159

## **M**

Machismo 173, 183

Melodrama 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 35, 39, 40, 41, 43

Mia Couto 142, 143, 148

Moçambique 133, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 148

Monumentos 51, 52, 53, 61, 64, 196, 300, 306, 307, 309

Morte 31, 51, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 104, 119, 125, 126, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 149, 150, 151, 157, 158, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 170, 171, 181, 185, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 209, 225, 226, 288, 304, 305, 308

Mulheres 44, 46, 47, 60, 101, 102, 103, 108, 111, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 183, 186, 202, 203, 205, 206, 208, 209, 211, 213, 214, 231, 234, 273, 278, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 288, 302, 303

## **N**

Nacionalismo 1, 3, 4, 7, 10, 12, 14, 139

NAMES Project AIDS Memorial Quilt 300, 303, 305, 309

## **P**

Patriarcalismo 173, 212, 213

Percepção visual 66, 78, 79, 88

Período pós-independência 133, 137, 138

Pertencimento 140, 201, 206, 229, 230, 234, 236, 238, 267, 287

Programa de intervenção 247

Psicanálise 44, 49, 114, 220, 238, 240, 241, 242, 246

Psicologia da performance 247, 251, 260

## R

Racialização 17, 18, 23

Racismo 24, 202, 204, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 302, 304

Realismo 32, 148, 154, 226

Relações de gênero 173

Renato Almeida 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24

Resistência 3, 101, 102, 103, 104, 106, 114, 120, 136, 138, 174, 181, 232, 235, 236, 240, 242, 246, 275, 278, 302, 310

Romance indianista 173

## S

Santo Amaro 50, 51, 53, 55, 57, 58, 61, 63, 64, 65

Simone de Beauvoir 173, 182

Super-heróis 66, 67, 68, 75

## U

Ungulani Ba Ka Khosa 133, 134, 138, 139, 140

## V

Vergílio Ferreira 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 165, 171, 172

Vida 9, 14, 19, 20, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 46, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 76, 80, 82, 83, 85, 86, 88, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 121, 125, 127, 129, 130, 135, 136, 143, 145, 147, 148, 149, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 205, 208, 209, 210, 212, 213, 217, 221, 224, 225, 226, 227, 232, 238, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 266, 269, 272, 273, 279, 283, 284, 297, 301, 302, 303, 306, 308

## W

Woody Allen 25, 26, 27, 33, 34, 39, 40, 41, 42

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2021

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora

Ano 2021